

Editorial

Se há um aprendizado que o ano de 2020 nos deixou é o de que as mulheres estão no centro das desigualdades que estruturam e continuam a dar vida à sociedade capitalista moderna. As relações sociais regidas pelo capital, racializadas, coloniais, cisheteronormativas e patriarcais atravessam as mulheres em muitos sentidos e continuam a nos convocar ao fino trato das muitas camadas históricas que compõem a sua presença no mundo.

Os artigos apresentados no número 47 da Revista *Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea* foram escritos antes mesmo que a pandemia da COVID-19, que sacudiu e virou ao avesso a sociedade mundial, impusesse novas regras de convivência, a exemplo da quarentena, do isolamento e do distanciamento social com suas implicações políticas e econômicas, sem mencionar as afetivas e existenciais.

Em artigo publicado na coletânea *Para Além da Quarentena: reflexões sobre crise e pandemia*¹ (FREITAS; ALMEIDA; LOLE, 2020) escrevemos: “é no isolamento que emana das casas que encontramos o eco possível das reivindicações por garantias da vida humana. São casas de mulheres dos morros, das favelas, dos subúrbios, dos asfaltos, de papelão nas calçadas das cidades”, das áreas rurais... “o eco é pela não banalização das mortes”. E continuamos: “As mulheres sempre foram transgressoras nas lutas pela sobrevivência, pela visibilidade, pela saúde e pelos direitos sexuais e reprodutivos”. Insistimos que a pandemia que assolou o ano de 2020 nos mostrou que, de um jeito ou de outro, temos que “falar de conceitos como, cuidado, proteção social, interdependência e saúde. Mas estamos vivendo um duro aprendizado”. Passado um ano desde que o vírus SARS-COV-2, ou Novo Coronavírus, foi detectado na China, reconhecemos, um tanto perplexas, a persistência do desprezo a vidas consideradas de menor valor, como aquelas protagonizadas por corpos negros, indígenas, pobres, LGBTQIA+, de mulheres.

Se há um aprendizado que a epistemologia feminista nos revelou é que não há como fazer a revolução sem as mulheres. Aliás, são elas que cotidianamente nos mais distintos territórios testemunham as profundas contradições sociais que, junto com os seus, precisam enfrentar o *corre* da vida, como se diz. E sempre o fizeram. Nesta direção, nosso projeto de pesquisa *Por uma História do Gênero e Feminismos no Serviço Social*² busca trazer à baila as memórias das pioneiras do debate de gênero/feminismos no campo profissional e acadêmico do Serviço Social, narrando a

¹ FREITAS, R. de C. S.; ALMEIDA, C. C. L. de; LOLE, A. As mulheres e a pandemia da COVID-19 na encruzilhada do cuidado. In: LOLE, A.; STAMPA, I.; GOMES, R. L. R. (Org.). *Para além da quarentena: reflexões sobre crise e pandemia*. Rio de Janeiro: Mórula, 2020, p. 214-220. Disponível em: <https://morula.com.br/produto/para-alem-da-quarentena-reflexoes-sobre-crise-e-pandemia/>. Acesso em: 16 nov. 2020.

² Essa pesquisa integra um projeto interinstitucional que envolve a Faculdade de Serviço Social da UERJ, o Departamento de Serviço Social da PUC-Rio e a Escola de Serviço Social da UFF, sob a coordenação das professoras Carla Almeida, Ana Lole e Rita Freitas.

história que a história não conta. Foi das preocupações e reflexões desse projeto que surgiu a ideia para este dossiê.

Estudos feministas ajudam a reconhecer estratégias cotidianas que, embora situadas em amplos regimes de dominação masculina, revelam muitas resistências e poderes que atravessam esses sistemas. Mulheres que lutaram denunciando as mortes de seus filhos, por creche, saneamento básico, alimentação, entre outras questões da manutenção da vida e do bem-viver. Ou que de um modo menos evidente empreenderam muitas formas de contornarem as ausências ou falências de proteção social, a exemplo da “maternidade transferida”³ (COSTA, 2002) e das redes informais de apoio a suas existências e de suas famílias. Michelle Perrot⁴ (2001, p. 23) chamará de feminismo informal “essa maneira de atuação, privada, secreta, mas suscetível de por em xeque a dominação”, e Angus McLaren⁵ (1997) designará por feminismo popular as inúmeras estratégias realizadas pelas mulheres para escaparem dos poderes dos médicos e dos maridos.

A partir das leituras de autoras feministas negras brasileiras como Jurema Werneck, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez e outras aprendemos que mulheres negras na diáspora africana realizaram ao longo do tempo um conjunto de organizações e lutas em torno de seus interesses e disputaram as narrativas de si, num movimento que envolveu a descoberta dos processos violentos e dolorosos pelos quais passaram. Alguns exemplos são: as irmandades femininas negras; as associações em defesa dos direitos das trabalhadoras domésticas desde a década de 1930; as organizações de mulheres negras com as pautas de saúde, educação, direito ao trabalho entre outras na década de 1970; as lutas contra a objetificação de seus corpos; a defesa da vida de seus filhos mortos ou encarcerados. Contestaram, firmemente, a atribuição que lhes foi dada de objetos da política ou de passividade.

O *Dossiê Movimento de Mulheres, Feminismos e Estudos de Gênero* que integra o nº 47 da Revista Em Pauta buscou trazer visibilidade a histórias que não são contadas, estimulando novos olhares para narrativas consagradas em torno da participação social de mulheres e das dinâmicas de gênero em diferentes campos de estudo. A história das mulheres surgiu exatamente para pôr em evidência esses sujeitos e uma perspectiva outra da história onde os chamados pequenos eventos, o cotidiano e outros agentes sociais ganham importante dimensão de análise. E, neste sentido, é fundamental destacar as mulheres, principalmente as mulheres negras, indígenas, trabalhadoras rurais e pobres como o “outro” numa história oficial que não as contempla.

Além de narrar a diversidade das movimentações no “campo discursivo de ações feministas”, em sentido amplo, este número da Revista

³ COSTA, S. G. Proteção social, maternidade transferida e lutas por saúde reprodutiva. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 301-324, 2002.

⁴ PERROT, M. A História das mulheres. Cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia. *Revista Gênero*, Niterói, v. 2, n. 1, p.7-30, 2º sem. 2001.

⁵ McLAREN, A. *História da contracepção: da Antiguidade à Actualidade*. Lisboa: Terramar, 1997.

Em Pauta buscou analisar a complexidade de suas relações e de que maneira jogam novas luzes sobre concepções estáveis e essencializadas da “mulher”.

O primeiro conjunto de artigos versa sobre a abordagem histórica do feminismo no Brasil, a partir de alguns elementos marcantes como o dia internacional da mulher e a ditadura militar brasileira, explorando novos ângulos sobre a trajetória das mobilizações políticas das mulheres. Em *Uma análise decolonial sobre três interpretações do movimento feminista no Brasil: redefinindo as fronteiras do mapa (1970-1980)*, Leticia Alves Maione propõe abordagem a partir do pensamento social feminista crítico na América Latina, explorando de que modo certas interpretações repercutem politicamente no tempo presente, marcado pelo histórico colonial do sistema moderno capitalista. O artigo de Larissa Shayanna Ferreira Costa e Verônica Soares da Costa, *A trabalhadora no Brasil Mulher: análise das capas do 8 de março*, recupera imagens e manchetes das capas da importante revista feminista socialista da década de 1970, para situar o lugar das trabalhadoras nas narrativas das lutas por direitos das mulheres em plena ditadura civil-militar. *Feminismo e mulheres na resistência à ditadura brasileira de 1964-1985*, de Maria Elaene Rodrigues Alves, dando continuidade ao cenário do período repressivo brasileiro, expõe algo silenciado na história, a participação política de mulheres e de que modo se efetuou uma aliança entre violência de Estado e violência patriarcal contra as mulheres em suas diversas formas de engajamento e resistências.

Em diálogo com as análises propostas sobre o campo feminista no Brasil, seguem dois trabalhos internacionais, o primeiro *Mujeres campesinas de Inzá-Tierradentro, Cauca: uma mirada desde los feminismos decoloniales*, de autoria de Jazmin Yulieth Cuellar Diaz e Juano Zuluaga Garcia, apresenta uma reflexão em perspectiva decolonial da experiência do Comitê de Mulheres da Associação Campesinas de Inzá Tierradentro, na Colômbia, demonstrando suas dinâmicas de territorialização e práticas cotidianas, articulações com um feminismo de base popular em busca de alternativas aos discursos hegemônicos de modernidade, desenvolvimento e colonialidade. O segundo, *Recolocando a autodeterminação na equação? Uma análise da ação coletiva feminista na Europa do Sul*, de Ana Cristina Santos e Mara Pieri, explora a ação coletiva feminista na Itália e em Portugal no século XXI, propondo a autodeterminação como conceito-chave para a superação de importantes desafios políticos e teóricos emergentes.

O segundo grupo de artigos remete a um mapeamento de movimentos e histórias de mulheres em vários cenários de resistência. *Mulher de favela: interseccionalidades e territorialidades*, de autoria de Nilza Rogéria de Andrade Nunes, aborda sob a categoria política “mulher de favela” histórias de lideranças femininas em territórios segregados socioespacialmente na cidade do Rio de Janeiro, buscando compreender a feminização do poder nos espaços populares. *Sobre “ser mulher e mãe” em situação de rua: invisibilidade na sociedade brasileira*, escrito por Tabita Aija Silva Mo-

reira, Carmem Plácida Sousa Cavalcante, Deyze da Silva Ferreira e Ilana Lemos de Paiva, apresenta o debate sobre mulheres que são invisibilizadas e de que modo encontram nas suas redes, movimentos sociais e famílias as condições para o direito à maternidade. Os dois artigos seguintes dialogam em torno da análise da tensão entre protagonismo/violência no evento do parto, expondo relações de poder baseadas nas desigualdades de gênero, raça e classe que atravessam essa experiência. Nos referimos aos textos *A atuação dos Movimentos de Doulas em Florianópolis/SC: conflitos pelo protagonismo feminino no parto*, de Carla Klitzke Espíndola e Luciana Patrícia Zucco; e *Enfrentamento à violência obstétrica: contribuições do movimento de mulheres negras brasileiras*, de Jussara Francisca de Assis dos Santos. Finalizando esse grupo de artigos, Giovana de Carvalho Castro apresenta um provocativo questionamento no texto *E eu (ainda) não sou uma mulher? Gênero, Interseccionalidade e Silêncio Racial*, questionando a própria epistemologia feminista da história das mulheres e seu apagamento em torno do protagonismo das mulheres negras.

Os três artigos seguintes, *As mulheres católicas e as origens do Serviço Social: o caso do Instituto Social do Rio de Janeiro (1937-1947)*, de Ana Paula Vosne Martins; *Os modos de vida das musicistas no Rio de Janeiro oitocentista*, de Alexandro Henrique Paixão e Patricia Amorim de Paula; e *Mulheres na Teoria Geral da Administração: por uma educação não sexista*, de Susane Petinelli Souza e Isabel Gomes Covre, abrem um debate em torno da história da presença de mulheres em carreiras distintas. No caso do Serviço Social, uma profissão socialmente esperada para as mulheres, Martins explora dois importantes aspectos: a religião e a agência feminina conservadora, lançando luz sobre contradições e efeitos não imaginados da atuação feminina mesmo em contexto fortemente conservador. No campo da Música, o artigo de Paixão e Paula permite uma releitura da cena musical no Rio de Janeiro oitocentista ao detectar modos não convencionais de participação da mulher nas lutas por sobrevivência. No que diz respeito à participação das mulheres na produção de conhecimentos na Administração, o artigo de Souza e Covre corrobora com os estudos sobre a sub-representação das mulheres na ciência, destacando dinâmicas de gênero e raça atreladas à linguagem sexista no campo científico.

O quarto grupo de estudos apresenta importantes implicações do debate de gênero e dos feminismos no campo das políticas públicas e da garantia de direitos. É o que mostram Milena Carlos de Lacerda e Guilherme Almeida no artigo *Exclusão “da” e “na” educação superior: os desafios de acesso e permanência para a população trans* ao abordarem que o direito à universidade ainda está a exigir o agenciamento político em torno da visibilidade das questões de gênero e sexualidade no espaço público. Também Silvana Marinho em *Relações de opressão-exploração da modernidade colonial: notas sobre cidadania trans e emancipação* adensa as reflexões em torno da conquista da cidadania trans, a partir das lentes da emancipação

política e humana, denunciando o falso dilema entre lutas gerais e lutas específicas. Bianca Gonçalves Santos Lima e Maria Helena Santana Cruz fecham o dossiê com o texto *Notas sobre o feminismo e gênero: compreendendo a relação das categorias com as Políticas Públicas no Brasil*, explorando o percurso das ações feministas e sua importância na consecução de políticas públicas baseadas no gênero.

A Revista traz ainda as seções Entrevista com Ivanete Silva, importante liderança feminista da Baixada Fluminense e Homenagem de vida à Suely Gomes Costa, assistente social e intelectual feminista que atuou no campo político e acadêmico contribuindo para a formação de gerações de profissionais e pesquisadores/as no campo de estudos feministas e de gênero. A Mostra fotográfica *DesAmadas*, de Nana Moraes, traz mulheres invisibilizadas no trabalho do sexo e nas políticas de encarceramento, evidenciando nas belíssimas imagens suas dores, resistências e invenções. O periódico finaliza com duas resenhas: uma escrita por Ana Caroline Gimenes Machado para o livro de Silvia Federici, *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*; e a outra, por Cláudia Domingues Guimarães para o livro de Mara Vigoya Viveros, *As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*.

A editoria deste número, ao revisitar as histórias de mulheres, feministas e das dinâmicas da produção do saber expressa o compromisso com a descolonização do ser, do saber e do poder, e com a busca de perspectivas emancipatórias. Uma última recomendação importante, instigadas por Sonia Álvarez⁶ (2014, p.19), é a de que os campos feministas são campos de formação política, nos quais, como afirma a autora “[...] a cidadania é construída e exercida, os direitos são imaginados, e não só demandados, as identidades e necessidades são forjadas e os poderes e os princípios são negociados e disputados”.

Desejamos uma leitura com olhares feministas, decoloniais e interseccionais para esse dossiê!

Carla Almeida (UERJ)
Ana Lole (PUC-Rio)
Rita Freitas (UFF)

⁶ ÁLVAREZ, S. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. *Cadernos Pagu*, n. 43, Campinas, p. 13-56, jan./jun. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332014000200013&script=sci_arttext. Acesso em 16 nov. 2020.

DOI: 10.12957/rep.2021.56091



A Revista Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Editorial

If there is one thing that 2020 has taught us is that women are at the center of the inequalities that structure and continue to give life to modern capitalist society. Racialized, colonial, cisheteronormative, patriarchal social relations that are governed by capital affect women in many ways and continue to call us to the fine treatment of the many historical layers that make up their presence in the world.

The articles presented in issue 47 of Revista Em Pauta: social theory and contemporary reality were written even before the COVID-19 pandemic shook and turned society upside down the world over. It imposed new rules of coexistence, such as quarantine, isolation, and social distance, with its political and economic implications, not to mention the affective and existential ones.

In an article published in the collection *Para Além da Quarentena: reflexões sobre crise e pandemia*¹ (FREITAS; ALMEIDA; LOLE, 2020) we wrote: “It is in the isolation emanating from the houses that we can find the possible echo of demands for safeguarding human lives. These are houses of women from the slums, favelas, suburbs, streets, made of cardboard on the sidewalks of cities”, from rural areas... “the echo is for the non-trivialization of deaths.” And we continue: “Women have always been transgressors in the struggles for survival, visibility, health, and sexual and reproductive rights.” We insist that the pandemic that devastated the year 2020 showed us that, in one way or another, we have to “talk about concepts such as care, social protection, interdependence and health. But it is a hard lesson.” A year after the SARS-CoV-2 virus, or New Coronavirus, was detected in China, we recognize, somewhat perplexed, the persistence of contempt for lives considered of lesser value, such as those belonging to black, indigenous, poor, LGBTQIA+, and female bodies.

If there is a lesson that feminist epistemology has brought us, it is that there is no revolution without women. In fact, they are the ones who bear witness on a daily basis, in the most different territories, to the profound social contradictions and, along with those close to them, need to face the hardships of life. And they always have. In this direction, our research project *For a History of Gender and Feminisms in Social Work*² seeks to recover the memories of pioneers of the gender/feminism debate in the professional and academic field of social work, narrating *the story that history does not*

¹ FREITAS, R. de C. S.; ALMEIDA, C. C. L. de; LOLE, A. As mulheres e a pandemia da COVID-19 na encruzilhada do cuidado. In: LOLE, A.; STAMPA, I.; GOMES, R. L. R. (Org.). *Para além da quarentena: reflexões sobre crise e pandemia*. Rio de Janeiro: Mórula, 2020, p. 214-220. Disponível em: <https://morula.com.br/produto/para-alem-da-quarentena-reflexoes-sobre-crise-e-pandemia/>. Acesso em: 16 nov. 2020.

² Essa pesquisa integra um projeto interinstitucional que envolve a Faculdade de Serviço Social da UERJ, o Departamento de Serviço Social da PUC-Rio e a Escola de Serviço Social da UFF, sob a coordenação das professoras Carla Almeida, Ana Lole e Rita Freitas.

tell. It was from the concerns and reflections of this project that the idea for this dossier arose.

Feminist studies help to recognize day-to-day strategies that, although located in broad male-dominated regimes, reveal many struggles and forces that run through these systems. Women who fought denouncing the deaths of their children, for daycare, basic sanitation, food, among other issues for maintaining life and well-being. Or women that, in a less evident way, created many ways of circumventing absences or failures in social protection, such as the “transferred maternity”³ (COSTA, 2002) and the informal support networks for their lives and their families. Michelle Perrot⁴ (2001, p. 23) will call informal feminism “this way of acting, private, secret, but susceptible to putting domination in check”, and Angus McLaren⁵ (1997) will designate by popular feminism the countless strategies carried out by women to escape the powers of physicians and husbands.

From the readings of Brazilian black feminist authors such as Ju-remá Werneck, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez and others, we learned that black women in the African diaspora have, over time, organized themselves and carried out struggles around their interests and disputed narratives on themselves, in a movement that involved the discovery of the violent and painful processes they went through. Some examples are: black sisterhoods; associations in defense of the rights of domestic workers since the 1930s; black women’s organizations fighting for health, education, the right to work, among others in the 1970s; the struggles against the objectification of their bodies; and the defense of the lives of their dead or imprisoned children. They firmly contested their characterization as objects of politics or passivity.

The dossier *Women’s Movements, Feminisms, and Gender Studies* that is part of *Revista Em Pauta’s* 47th issue sought to bring visibility to stories that are not told, stimulating new perspectives on consecrated narratives around the social participation of women and gender dynamics in different fields of study. The history of women emerged exactly to highlight these subjects and an alternative perspective of history in which so-called small events, daily life, and other social agents gain an important dimension of analysis. And, in this sense, it is essential to highlight women, especially black women, indigenous women, rural workers and the poor as the “other” in the official history that does not contemplate them.

Besides narrating the diversity of movements in the “discursive field of feminist actions” in a broad sense, this issue of *Revista Em Pauta* sought to analyze the complexity of their relationships and how they shed new light on stable and essentialized conceptions of “women.”

³ COSTA, S. G. Proteção social, maternidade transferida e lutas por saúde reprodutiva. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n.2, p. 301-324, 2002.

⁴ PERROT, M. A História das mulheres. Cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia. *Revista Gênero*, Niterói, v.2, n.1, p.7-30, 2º sem. 2001.

⁵ McLAREN, A. *História da contracepção: da Antiguidade à Actualidade*. Lisboa: Terramar, 1997.

The first set of articles deals with the historical approach to feminism in Brazil, based on some striking elements such as International Women's Day and the Brazilian military dictatorship, exploring new angles on the trajectory of women's political mobilizations. In *A decolonial analysis about three interpretations of women's movement in Brazil: redefining the borders of the map (1970-1980)*, Leticia Alves Maione proposes an approach based on critical feminist social thought in Latin America, exploring how certain interpretations have a political impact on present time, marked by the colonial history of the modern capitalist system. The article by Larissa Shayanna Ferreira Costa and Verônica Soares da Costa, *The female worker in Brasil Mulher: analysis of covers from March 8th*, retrieves images and headlines from the covers of *Brasil Mulher*, an important socialist feminist magazine of the 1970s, to situate the place of female workers in narratives of the struggles for women's rights in the midst of the civil-military dictatorship. *Feminism and women in the resistance to the Brazilian dictatorship of 1964-1985*, by Maria Elaene Rodrigues Alves, also in the scenario of the Brazilian period of dictatorial repression, exposes something silenced in history, the political participation of women and how an alliance between state violence and patriarchal violence against women in their various forms of engagement and struggle.

In dialogue with the proposed analyzes on the feminist field in Brazil, two international works follow, the first *Peasant women from Inzá-Tierradentro, Cauca: a view from decolonial feminisms*, by Jazmin Yulieth Cuellar Diaz and Juano Zuluaga Garcia, presents a reflection in a decolonial perspective of the experience of the Women's Committee of the Peasant Association of Inzá Tierradentro, in Colombia, demonstrating its dynamics of territorialization and daily practices, articulations with a feminism of popular basis in search of alternatives to the hegemonic discourses of modernity, development, and coloniality. The second, *Putting self-determination back into the equation? An analysis of feminist collective action in Southern Europe*, by Ana Cristina Santos and Mara Pieri, explores feminist collective action in Italy and Portugal in the 21st century, proposing self-determination as a key concept for overcoming important emerging political and theoretical challenges.

The second group of articles refers to a mapping of women's movements and stories in various scenarios of struggle. *Favela woman: intersectionalities and territories*, authored by Nilza Rogéria de Andrade Nunes, addresses, under the political category of "favela woman", stories of female leaders in socio-spatially segregated territories in the city of Rio de Janeiro, seeking to understand the feminization of power in popular spaces. *On being a homeless "woman and mother:" invisibility in Brazilian society*, written by Tabita Aija Silva Moreira, Carmem Plácida Sousa Cavalcante, Deyze da Silva Ferreira and Ilana Lemos de Paiva, presents the debate about women who are invisible and how they find the conditions for the right to

maternity in their networks, social movements, and families. The next two articles analyse the tension between protagonism and violence in childbirth, exposing power relations based on the inequalities of gender, race, and class that permeate this experience. We refer to the texts *Actions of the Doula Movements in Florianópolis, Santa Catarina: conflicts for female agency in childbirth*, by Carla Klitzke Espíndola and Luciana Patrícia Zucco; and *Confronting obstetric violence: contributions from the black Brazilian women's movement*, by Jussara Francisca de Assis dos Santos. Concluding this group of articles, Giovana de Carvalho Castro presents a provocative question in the text *Am I (still) not a woman? Gender, intersectionality and racial silence*, questioning the feminist epistemology of women's history and the erasure of the role of black women in it.

The following three articles, *Catholic women and the origins of social work: the case of the Rio de Janeiro's Instituto Social (1937-1947)*, by Ana Paula Vosne Martins; *The ways of life of 19th-century female musicians in Rio de Janeiro*, by Alexandro Henrique Paixão and Patricia Amorim de Paula; and *Women in the General Theory of Administration: for a non-sexist education*, by Susane Petinelli Souza and Isabel Gomes Covre, start a debate around the history of the presence of women in different careers. In the case of Social Work, a profession socially expected for women, Martins explores two important aspects: religion and the conservative female agency, shedding light on contradictions and unforeseen effects of female performance even in a strongly conservative context. In the field of Music, the article by Paixão and Paula allows for a reinterpretation of the music scene in Rio de Janeiro in the 19th century by detecting unconventional ways of women's participation in struggles for survival. Regarding the participation of women in the production of knowledge in Business, the article by Souza and Covre corroborates the studies on the under-representation of women in science, highlighting gender and race dynamics linked to sexist language in the scientific field.

The fourth group of studies has important implications for the debate on gender and feminisms in the field of public policies and the guarantee of rights. This is what Milena Carlos de Lacerda and Guilherme Almeida show in the article *Exclusion "from" and "in" higher education: challenges on access and continuance for the transexual population* when addressing that the right to university is still demanding political agency around visibility of gender and sexuality issues in the public space. Also Silvana Marinho in *Oppression-exploitation relationships in colonial modernity: notes on trans citizenship and emancipation* focus its reflections around the conquest of trans citizenship, through the lens of political and human emancipation, denouncing the false dilemma between general and specific struggles. Bianca Gonçalves Santos Lima and Maria Helena Santana Cruz close the dossier with the text *Notes on feminism and gender: understanding the relationship of the categories with public policies in Brazil*, exploring

the path of feminist actions and their importance in achieving public policies based on gender.

The journal also features the sections Interview with Ivanete Silva, an important feminist leader from Baixada Fluminense and Life Homage to Suely Gomes Costa, a feminist intellectual and social worker who worked in the political and academic fields, contributing to the formation of several generations of professionals and researchers in the field of feminist and gender studies. The *DesAmadas* photographic exhibition, by Nana Moraes, brings invisible women in sex work and in incarceration policies, showing in their beautiful images their pains, struggles, and inventions. The journal closes with two reviews: one written by Ana Caroline Gimenes Machado for the book by Silvia Federici, *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*; and the other, by Cláudia Domingues Guimarães for Mara Vígoya Viveros's book, *As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*.

The publishing of this issue, by revisiting stories of women, feminists, and the dynamics of knowledge production, expresses the commitment to the decolonization of being, knowledge, and power, and to the search for emancipatory perspectives. One last important recommendation, instigated by Sonia Álvarez⁶ (2014, p.19), is that feminist fields are fields of political formation, in which, as the author states “[...] citizenship is built and exercised, rights are imagined, not just demanded, identities and needs are forged and powers and principles are negotiated and disputed.”

We wish for this dossier a reading with feminist, decolonial, and intersectional views!

Carla Almeida (UERJ)
Ana Lole (PUC-Rio)
Rita Freitas (UFF)

⁶ ÁLVAREZ, S. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. *Cadernos Pagu*, n. 43, Campinas, p. 13-56, jan./jun. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332014000200013&script=sci_arttext. Acesso em 16 nov. 2020.

DOI: 10.12957/rep.2021.56091



A Revista Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.